

19-12-2023

Diálogos internos em ideias ... de Krenak (IV)

# ABISMO descomunal – Universo partido

## Adelany França

[Mestranda Escola Politécnica Joaquim Venâncio/Fiocruz]

O documentário “Para onde foram as andorinhas?” traz o relato da vida de povos que têm sua vida afetada pela violência do progresso, que é retratada pela aproximação de homens que estão alinhados com o pensamento do Antropoceno. Pessoas que têm a concepção de que são suas vidas e seus corpos que importam, seus comportamentos são da vida dita de uma civilização, aquelas dos grandes centros urbanos, com o bem comum ao descaso, o comum sem partilha, sem o cuidar de um coletivo, sem o sentido de solidariedade para fortalecimento de modos de andar a vida. Krenak, líder indígena autor do livro “Ideias para adiar o fim do mundo”, questiona se seríamos nós o vírus que contamina a nossa humanidade sem as percepções de que, no mundo que está a caminho, somos nós que pavimentamos as estradas, com o asfalto do egoísmo, utilizando a nossa força de espécie (des)humana para a servidão moderna; e alienados de nossa espécie humana ainda não extinta pela nossa desumanidade e ganância; pelo viver sem o genuíno, que nos alerta para assumirmos a nossa parcela de responsabilidade pelos atos que nos cabem. Buscar adulterar para os movimentos reais da experiência humana. Crianças precisam ser cuidadas por pessoas adultas e estamos com muitas gerações de pessoas em idade adulta agindo como crianças e ainda cuidando de crianças. Estamos ainda com a nossa criança interna ferida pedindo colo para o nosso adulto ensanguentado, com cortes profundos na alma e fraturas expostas que, por mais que os ossos estejam às vistas, todos olham mas não veem, não se veem, e assim o mundo segue. Em cada estrada um rastro de sangue e, nem por isso, um olhar. Porque uma coisa é certa, para muitos não vai doer, foi assim com as muitas vidas indígenas perdidas para a violência e agressões movidas pelo poder econômico, o fim do mundo não foi adiado para esses povos originários, e para os que permaneceram pelo capital por gerações, a anestesia ainda faz efeito. As corporações não têm interesse na fala de ambientalistas sobre a forma como estão utilizando os recursos da natureza e, à proporção que aumenta o seu extrativismo, ganha mais para o seu mundo com a desertificação do mundo de muitos, por simples capricho da conjugação do verbo TER ao longo dos tempos. Nós somos um organismo – tudo está em nós, a ideia de humanos apartados da terra nos afasta da essência da humanidade em nós, somos o que somos e quando nos permitimos ser, temos a força que nos impulsiona para a vida. A natureza em nós é a natureza para nós, o contato com a nossa essência não é possível de ser industrializado. Estamos seres medicalizados, que estão fugindo de suas demandas humanas e, assim, bastam seus dias com os ditos “tril” na cabeceira, substituindo as ausências, como a de um pai que vai para o garimpo e deixa a família em busca de riqueza na terra prometida.

Zumbis eletrizados e magnetizados movidos pelos celulares, por TV, tudo ao nosso redor para o consumo desenfreado e teclas que se configuram a todo momento em delete, para o apagar de línguas, da linguagem em territórios coletivos na ecologia de sua humanidade.

A pluralidade e diversidade de seres nos conduz à essência das relações humanas encontradas em nosso ser relacional, o reconhecer o outro em nós e sermos reconhecidos nos outros. O hoje é consumir e consumir, até sumir; as peças das prateleiras nos enfeitam; os parques eletrônicos em ambientes ditos seguros, que esvaziam a cidade, nos hipnotizam e nos afastam do contemplativo para as paisagens. Será que ainda temos condições de contemplar as janelas e portas olhando de fora (da rua) para dentro das casas? Como cuidar de nossa casa humana, como nos percebermos em nós de dentro para fora, o sentir de nossa essência para o movimento da vida? .....

Nossas histórias formadoras de vida cheinhas de humanidade - são os nossos ancestrais que nos conduzem à vida, a vida se faz a partir de uma origem, querem apagar as gêneses - somos vocês todos que vieram antes para perpetuar a vida de nossa espécie. Somos a Terra que nos acolhe, ela nos projeta e nos dá condições de vida ao ponto que respiramos - tudo se faz a partir daí - respire. Sem o prazer e o orgulho de ser o que se é, no que podemos trocar, a homogeneidade robotizada pelos capitalistas e para seu progresso aborta todas as possibilidades de uma humanidade ‘de humanos’, o consumo estimulado e a competição capitalista gerando a condição do SER sem seu SER; e sim, tudo e todos como mercadoria, sem a capacidade criativa de seu humano e seu contato com seu território humano. O universo está em nós, em nossas subjetividades e, assim, a nossa diversidade nos leva a alegria de estarmos na vida, e para a vida. A natureza nos entrega o que necessitamos, a oferta da natureza nos torna autossuficientes e felizes com a nossa própria natureza coletiva, contemplativa e abundante, pois somos a própria natureza. A Terra, como propriedade privada, é privada de tudo, submetida à violenta demanda de seres desnorteados, seres inseguros em sua natureza humana, que se violentam entre si, estimulados por um consumo patológico adoecido e adoecedor, que despreza a cooperação e solidariedade entre os povos, destruindo as possibilidades de um coletivo orgânico e necessário. Somos capazes de nos desumanizar.

**Somos em nossa humanidade capazes de nos desumanizar,  
somos nós os responsáveis pelos nossos atos e escolhas –  
estamos nos vitimizamos para ter sempre quem seja culpado  
pela nossa parcela de responsabilidade, somos nós quem  
devemos abrir os olhos e perceber a realidade que nos cerca,  
na força de uma indignação para transformar.**

**E se somos nós quem construímos e transformamos,  
estamos esquecendo o que significa AMAR.**

**Com o tempo parece que esquecemos o que significa agradecer,  
esquecemos do nós para prevalecer o ego “Eu” e assim,  
em uma civilização dita existente, temos fios picotados  
dando choque,  
e fingindo saber se solidarizar e viver em comunidade.**

■ ■ ■

Referência: Krenak, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 2019.

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*